

# GEOTURISMO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-CONCEITUAL<sup>1</sup>

## *GEOTOURISM: AN APPROACH HISTORICAL AND CONCEPTUAL*

Jasmine Cardozo Moreira

Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG

Ponta Grossa - PR - [jasmine@uepg.br](mailto:jasmine@uepg.br)

### Resumo

O Geoturismo pode ser definido como um novo segmento de turismo em áreas naturais, realizado por pessoas que têm o interesse em conhecer mais os aspectos geológicos e geomorfológicos de um determinado local, sendo esta a sua principal motivação na viagem. No entanto, sua definição ainda é controversa e suas características pouco conhecidas. Deste modo esta pesquisa teve como objetivo a realização de uma abordagem histórico-conceitual, no sentido de esclarecer alguns desses aspectos e aprofundar os conhecimentos relativos ao Geoturismo. Deste modo, são apresentadas e discutidas algumas definições deste novo segmento, são citados países e Estados brasileiros que já vem trabalhando com o potencial geoturístico e relacionados impactos positivos e negativos. Conclui-se que o Geoturismo pode chegar a assumir um grau de importância estratégica para o futuro do desenvolvimento turístico do Brasil, como fator de desenvolvimento social, educação e valorização do potencial das comunidades envolvidas, além do marketing a nível nacional e internacional.

**Palavras-Chave:** Geoturismo; Patrimônio Geológico; Geoconservação.

### Abstract

*The Geotourism is defined as a new segment of tourism in natural areas, carried out by people who have interest in learning more about the geology and geomorphology of a particular location, which is the main motivation on the trip. However, its definition is still controversial and little-known characteristics. Thus this study aimed to carry out a conceptual-historical approach in order to clarify some of these aspects and deepen the knowledge on the Geotourism. For this purpose, are presented and discussed various definitions, countries and states that have already been working with the geotouristical potential, and positive and negative impacts. We conclude that the Geotourism can assume a degree of strategic importance for the future of tourism development in Brazil, as a factor of social development, education and marketing.*

**Key-Words:** *Geotourism; Geological Heritage; Geoconservation.*

### Introdução

Com a verificação de que o Geoturismo é um segmento que vem crescendo a cada ano, observa-se que o mesmo se apresenta como uma nova tendência em termos de turismo em áreas naturais. Entretanto, as pesquisas nessa área ainda estão no início e faz-se necessário conhecer mais as características, impactos e definições de tal segmento. Deste modo, esta pesquisa teve como objetivo a realização de uma abordagem histórico-conceitual, no sentido de esclarecer alguns desses aspectos e aprofundar os conhecimentos relativos ao Geoturismo.

Com uma ênfase particular na conservação, educação e atrativos turísticos em relação aos aspectos geológicos, interpretar o ambiente em relação aos processos que o modelaram pode ser uma ferramenta de educação ambiental, proporcionando um melhor aproveitamento dos

recursos que a natureza nos oferece. McKeever et al. (2006) afirmam que o Geoturismo se comparado com outras modalidades turísticas, ainda está na infância, mas que é através do suporte para a geoconservação que se assegura o recurso para as suas atividades.

### Geoturismo, um novo segmento de Turismo em Áreas Naturais

Foi verificado nesta pesquisa que o Geoturismo não pode ser encarado como uma forma de Ecoturismo, e sim como um novo segmento, que conta inclusive com a aprovação e incentivos por parte da UNESCO, sendo específico em suas potencialidades e objetivos.

Assim sendo, por mais que as definições de Ecoturismo contenham o patrimônio natural,

nenhuma delas abrange a geodiversidade como parte do produto turístico, citando muitas vezes unicamente a biodiversidade. O que diferencia o ecoturismo do turismo convencional é o fato dele ser considerado uma segmentação turística responsável, que cumpre critérios e princípios básicos de sustentabilidade, e o geoturismo também segue esses critérios, contemplando os aspectos geológicos como os principais atrativos turísticos. Para alguns autores o geoturismo, devido as suas características chega a ser mais *eco-friendly* que o próprio ecoturismo (Robinson & Roots, 2008).

De qualquer forma, o Ecoturismo, Turismo de Aventura, Turismo Técnico Científico, Geoturismo, entre outros, podem estar vinculados, visto que os meios interpretativos voltados aos aspectos geológicos podem ser utilizados por qualquer uma das modalidades de turismo praticadas em áreas naturais. Assim, o Geoturismo pode compartilhar experiências realizadas em outras modalidades de turismo em áreas naturais e mesmo assim permanecer distinto em seus objetivos. Em combinação com outras formas de turismo, pode adicionar outra dimensão e diversidade ao produto turístico oferecido.

Mas, mais importante que isso, é o reconhecimento de que as paisagens naturais, monumentos geológicos, rochas, fósseis, entre outros aspectos geológicos precisam ser preservados antes que se percam. Concorda-se aqui com o pensamento de Newsome & Dowling (2006), de que somente conseguiremos tal feito através do reconhecimento e a valoração desses recursos, planejando o turismo e as ações voltadas ao manejo da área.

Em se tratando dos aspectos históricos, não se sabe ao certo quando foi o início do interesse de turistas por paisagens especialmente ligadas a geologia, mas estudos demonstram que devido à popularidade da ciência geológica, esta já era uma motivação turística desde o século XIX. Macfarlane (2005:53) cita que na Inglaterra,

*O turismo geológico tornou-se atividade crescente na década de 1860, os interessados em participar de excursões geológicas tinham a chance de escolher entre vários cursos que ofereciam instrução sobre rochas... O Professor William Turl oferecia (de acordo com anúncio por ele veiculado) "aulas particulares a turistas, que lhes proporcionarão conhecimento suficiente para identificar todos os componentes de rochas cristalinas e vulcânicas encontradas nas montanhas européias".*

De qualquer modo, não é novidade que roteiros voltados para a observação de locais onde a geologia e a geomorfologia são singulares já são realizados há muitos anos, entretanto, em sua maioria, restringiam-se a saídas técnicas e aulas de campo.

Em pesquisas realizadas no Brasil observou-se que o termo "geoturístico" aparece pela primeira vez somente em 1987 sendo citado por Silva & Araújo:

*É elaborado um mapa inventário, contendo todos os recursos potenciais, naturais e culturais, bem como as variáveis geofísicas e sócio-culturais que atuam na área, a saber: clima, regime de ventos, existência de endemias, erosão, ação do homem, etc. Esse mapa, denominado **geoturístico ambiental**, difere dos mapas geológicos, geofísicos clássicos e é de fácil elaboração, porém não dispensa os conhecimentos técnicos tradicionais (Silva & Araújo, 1987:179).*

Entretanto, neste caso, o termo estava relacionado a um mapa, utilizado na implantação de um Distrito Ecoturístico, e não propriamente com a designação de um novo segmento turístico.

Com este outro enfoque, a primeira citação científica publicada utilizando o termo geoturismo foi a proposta pelo inglês Thomas Hose, em 1995 onde o Geoturismo é (p.17) "*Provisão de serviços e facilidades interpretativas no sentido de possibilitar aos turistas a compreensão e aquisição de conhecimentos de um sítio geológico e geomorfológico ao invés da simples apreciação estética.*"

Hose (2000:136) reviu esta primeira definição, considerando agora o Geoturismo como a "disponibilização de serviços e meios interpretativos que promovem o valor e os benefícios sociais de lugares com atrativos geológicos e geomorfológicos, assegurando sua conservação, para o uso de estudantes, turistas e outras pessoas com interesses recreativos e de ócio".

Há também diversas abordagens realizadas por outros autores. Na definição de Newsome & Dowling (2006) a geologia e a geomorfologia são os componentes centrais e o enfoque principal de interesse desta modalidade turística. Frey et al. (2006) consideram o Geoturismo como sendo um novo setor ocupacional e de negócios, com a característica principal de transferir e comunicar o conhecimento geocientífico ao público em geral, baseando-se na interação entre políticas, geociências, universidades e o turismo. De qualquer

modo, o princípio fundamental de suas atividades está na proteção sustentável e conservação do Patrimônio Geológico. Mas, o seu caráter complexo e multidimensional é abordado por Pforr & Megerle (2006), que informam não haver aceitação sobre o seu conceito e limites práticos, sendo que o estabelecimento de uma definição parece ser problemático.

Cabe aqui ressaltar que tanto quanto o Ecoturismo não tem o mesmo significado que turismo ecológico, o Geoturismo também não é somente turismo geológico. O termo vem da junção das palavras geologia e turismo e não geografia e turismo, como parece ser o caso para a *National Geographic* (Stueve et al., 2002), que tratam o Geoturismo como uma combinação entre os atributos naturais e culturais que fazem com que um determinado local seja distinto do outro, enfocando as características geográficas do destino. Hose (2008) critica tal definição, pelo fato de que a *National Geographic* ao criá-la não levou em consideração os trabalhos que já haviam sido publicados sobre o tema, tomando para si a “criação” do termo. Também acerca da definição de Stueve et al. (2002), Brilha (2005) informa que a mesma apresenta o sentido do desenvolvimento turístico, envolvendo as características geográficas de um lugar, onde estariam incluídos os aspectos ligados ao meio ambiente, cultura, patrimônio arquitetônico e bem estar de seus habitantes. De qualquer maneira, para Gates (2006:157), o Geoturismo “é um novo termo para uma idéia relativamente antiga, e, como tal, apresenta definições conflitantes”.

Um dos objetivos desta pesquisa foi o de compreender e estudar o novo fenômeno que ele realmente é. Portanto, aqui o Geoturismo é tratado como uma segmentação turística sustentável, realizada por pessoas que têm o interesse em conhecer mais os aspectos geológicos e geomorfológicos de um determinado local, sendo esta a sua principal motivação na viagem. Apesar de ser um novo segmento, não chega a ser considerado um modismo, pois se fosse um termo passageiro não integraria documentos oficiais da UNESCO e não estaria sendo tão pesquisado a nível mundial.

Concorda-se com Buckley (2006), que afirma que mais provavelmente as pessoas viajam para ver belezas cênicas (vulcões, montanhas, cachoeiras, cavernas, gêiseres, glaciares, formações rochosas, cânions, entre outros), que são essencialmente geológicas, do que para ver plantas e animais em particular. Entretanto, para muitas pessoas, as rochas não despertam a mesma atenção do que uma floresta ou animais, em virtude do movimento, coloração,

sons e interação. Isso faz com que o desafio de tornar as rochas um elemento que desperte a atenção do visitante seja ainda mais crítico no geoturismo (Newsome & Dowling, 2006).

Muitos turistas que não possuem conhecimentos sobre a geologia vêem esses aspectos como um componente curioso e interessante da paisagem, sendo que no Geoturismo se entende que não há somente a apreciação da paisagem, e sim também sua compreensão, realizada com o auxílio dos meios interpretativos (Moreira & Bigarella 2008). Para Silva (2004) tornar esses atrativos visíveis e passíveis de interesse e entendimento é fundamental para despertar o turista e trazê-lo a esses locais. Sem dúvida, essa é uma árdua missão, considerando-se a grandiosidade e diversidade do acervo geológico disponível e a necessidade de uma ampla tradução da usualmente “árida” e densa terminologia geológica, entendida por muitos como inacessível ao cidadão comum.

Em relação ao público que pratica o Geoturismo, Hose (2000) cita que há geoturistas dedicados (aqueles que visitam sítios geológicos e exposições com propósitos educativos, crescimento intelectual e apreciação) e geoturistas casuais (indivíduos que visitam sítios geológicos e exposições primeiramente por prazer e alguma estimulação intelectual). De qualquer maneira, para este autor, os visitantes de áreas geológicas em sua maioria realizam a visita casualmente, ou seja, são visitas que não são planejadas, ocorrem acidentalmente.

Aspectos da promoção e divulgação são abordados por Pforr e Megerle (2006), que acreditam que o estabelecimento de redes de comunicação e a troca adequada de informações são importantes para implementar com sucesso o Geoturismo em uma região. Para Hose (2006), os elementos-chave do segmento são os aspectos da geoconservação em combinação com a promoção turística.

Essa divulgação cada vez maior vem fazendo com que o Geoturismo se desenvolva rapidamente em diversos países do mundo, que vêm desenvolvendo projetos baseando-se no seu potencial geológico para fins científicos, interpretativos e educacionais. Entre eles estão a Finlândia (Éden & Kananoja, 2005), Inglaterra (Page, 1999), Irlanda (MC Keever et al., 2006), Austrália (James et al., 2006; Dowling & Newsome, 2006), Kazaquistão (Fishman & Nusipov, 1999), Rússia (Skovitina et al., 2005), a Ilha de Lesbos, na Grécia (Zouros & Labaki, 2005), Malásia (Tongkul, 2006), Eslováquia (Konecny et al., 2005), Lituânia (Skridlaite et al., 2005), Islândia (Dowling, 2008), Irã (AmrikazemI & Mehrpooya, 2006), as

portuguesas Ilha da Madeira (Silva & Gomes, 2005) e Ilha de Santiago (Cabo Verde) (Pereira & Brilha, 2005), a Coréia do Sul (Huh et al., 2008), a África do Sul (Schutte, 2004; Reimold et al., 2006), e a China (Jianjun et al., 2006).

No Brasil muitos são os locais que possuem potencial para a prática do Geoturismo, sendo que alguns Estados já vêm trabalhando em projetos voltados ao planejamento e divulgação desse potencial. É o caso do Rio de Janeiro, através do Projeto Caminhos Geológicos, realizado pelo Serviço Geológico do Rio de Janeiro (DRM – RJ) desde 2001, pioneiro no Brasil. Voltado para a sinalização dos monumentos geológicos do Estado, tem como objetivos a divulgação e a preservação desses monumentos, denominados PIG's – Pontos de Interesse Geológico. Em 2007 o projeto já contemplava 59 PIG's. (Mansur & Nascimento, 2007). Já em Pernambuco, um curso para Condutores de Geoturismo foi realizado em Fernando de Noronha em 2007, onde participaram adolescentes e condutores cadastrados pelo ICMBio. A viabilização do curso deu-se através do Centro do Golfinho Rotador, Fundação Banco do Brasil e Petrobras. (Moreira & Bigarella, 2008). Logo após o Estado do Rio de Janeiro, em 2002 o Paraná iniciou a divulgação e o desenvolvimento do Geoturismo, com a criação pela MINEROPAR do Projeto Sítios Geológicos e Paleontológicos do Paraná, que vem desenvolvendo e instalando painéis interpretativos sobre a geologia e temas correlatos em sítios Geológicos e Paleontológicos do Estado do Paraná. Além dos citados, outros Estados que também vem desenvolvendo ações nesse sentido são o Rio Grande do Norte, Bahia e São Paulo e Mato Grosso do Sul.

## Conclusões

Independentemente do Estado ou País em que

é realizado, o Geoturismo pode proporcionar diversos impactos, tanto positivos, quanto negativos. Sabe-se que qualquer atividade humana produz impactos no ambiente em que é realizada. O turismo não foge a essa regra, causando impactos que podem abranger efeitos econômicos, ambientais e sócio-culturais.

Deste modo, alguns impactos positivos do Geoturismo estão relacionados à conservação do Patrimônio Geológico, geração de empregos diretos e indiretos, a compreensão do ambiente através de uma educação geológica e ambiental dos visitantes, gerando um aumento da consciência da população local e turistas a respeito do Patrimônio Geológico. Já como impactos negativos podem ser citados os danos aos sítios geológicos, decorrentes da utilização excessiva e/ou incorreta, a coleta de *souvenirs*, vandalismo e remoção ilegal de itens como fósseis e minerais, e a geração de benefícios econômicos pode ser limitada se a maioria das pessoas empregadas não for da comunidade local. De qualquer maneira, cabe ressaltar que como o segmento é muito novo, seus impactos ainda não são totalmente compreendidos e nem calculados/levantados (Dowling & Newsome, 2006).

Concluindo, o Geoturismo pode chegar a assumir um grau de importância estratégica para o futuro do desenvolvimento turístico do Brasil, como fator de desenvolvimento social, educação e valorização do potencial das comunidades envolvidas, além do marketing a nível nacional e internacional. De qualquer forma, o Geoturismo deve ser um turismo sustentável no sentido de permitir um desenvolvimento turístico sem degradar ou esgotar os recursos que estão sendo utilizados na atividade. Somente assim nós poderemos conhecer e aproveitar ainda mais nosso patrimônio geológico, proporcionando que as futuras gerações também possam conhecê-lo.

## Referências Bibliográficas

- Amrikazemi, A; Mehrpooya, A. 2006. Geotourism resources of Iran. In: Dowling, R e Newsome, D.(edits.) *Geotourism*. Elsevier Butterworth Heinemann, Oxford. 260 p.
- Brilha J. 2005. *Património geológico e geoconservação: a conservação da natureza na sua vertente geológica*. Palimage Editores, Viseu, 190 p.
- Buckley, R. 2006. Geotourism. *Annals of Tourism Research*, 33:583-585.
- Dowling, R. Newsome, D. 2006. Geotourism's issues and challenges. In: Dowling, R e Newsome, D.(edits.) *Geotourism*. Elsevier Butterworth Heinemann, Oxford. 260 p.
- Dowling, R. 2008. Geotourism in Iceland. In: Dowling, R; Newsome, D. (eds). Inaugural Global Geotourism Conference, 1, Fremantle, Austrália. *Proceedings*. 151-157.

- Eden, P; Kananoja, T. 2005. Geotourism in western Finland and a potential Geopark Candidate. In: International Symposium PROGEO, 4, Braga, Portugal, *Abstracts*. 85.
- Fishman, I. L; Nusipov, I. N. 1999. The geoconservation problems and geocotourism development in Kazakhstan. In: Barretino, D; Vallejo, M; Gallego, E (eds). *Towards the balanced management and Conservation of the geological heritage in the new millenium*. Sociedad Geológica de España, Madrid. 459 p.
- Frey, M. L; Schafer, K; Buchel, G; Patzak, M. 2006. Geoparks – a regional European and global policy. In: Dowling, R e Newsome, D.(edits.) *Geotourism*. Elsevier Butterworth Heinemann, Oxford. 260 p.
- Gates, A. 2006. Geotourism: a perspective from the USA. In: Dowling, R e Newsome, D.(edits.) *Geotourism*. Elsevier Butterworth Heinemann, Oxford. 260 p.
- Hose, T. A. 1995. Selling the Story of Britain's Stone, *Environmental Interpretation*,10: 16-17.
- Hose, T. A. 2000. “Geoturismo” europeo. Interpretación geológica y promoción de la conservación geológica para turistas. In: Barretino, D; Winbledon, W.A.P; Gallego, E (eds). *Patrimonio geológico: conservación y gestión*. Instituto Tecnológico Geominero de España, Madrid. 212 p.
- Hose, T. A. 2006. Geotourism and Interpretation. In: Dowling, R e Newsome, D.(Edits.) *Geotourism*. Elsevier Butterworth Heinemann, Oxford. 260 p.
- Hose, T. A. 2008. Towards a history of landscape appreciation In: Inaugural Global Geotourism Conference, 1, Fremantle, Austrália. *Conference Proceedings*. p. 9-18.
- Huh, M; Woo, K. S; Spate, A. 2008. Aspects of geotourism in South Korea. In: Inaugural Global Geotourism Conference, 1, Fremantle, Austrália. *Conference Proceedings*. p. 355-359.
- James, J; Clark, I; James, P. 2006. Geotourism in Australia. In: Dowling, R e Newsome, D.(Edits.) *Geotourism*. Elsevier Butterworth Heinemann, Oxford. 260 p.
- Jianjun, J; Xun, Z; Youfang, C. 2006. Geological Heritage in China. In: Dowling, R e Newsome, D.(Edits.) *Geotourism*. Elsevier Butterworth Heinemann, Oxford. 260 p.
- Konecný, J; Lexa, J; Liscák, P; Smolka, J; Slnský, M; 2005. Geopark Banská Stiavnica. In: International Symposium PROGEO, 4, Braga, Portugal, *Abstracts*. 55.
- Liccardo, A.; Liccardo, V. B. 2006. *Pedra por pedra: mineralogia para crianças*. Oficina de textos, São Paulo. 44 p.
- Mansur, K. Nascimento, V. 2007. Disseminação do conhecimento geológico: metodologia aplicada ao projeto Caminhos Geológicos. In; Simpósio de Pesquisa e ensino e historia de ciência da Terra, 1, Campinas, Anais, 249-257.
- Macfarlene, R. 2005. *Montanhas da Mente: História de um fascínio*. Objetiva, Rio de Janeiro. 285 p.
- MC Keever, P; Larwood, J; Mckirdy, A. 2006. Geotourism in Ireland and Britain. . In: Dowling, R and Newsome, D.(edits.) *Geotourism*. Elsevier Butterworth Heinemann, Oxford. 260 p.
- Moreira, J. C; Bigarella, J. J. A. 2008. Interpretacao Ambiental e Geoturismo em Fernando de Noronha - PE. In: C. J. M. de Castilho & J. Viegas. (orgs.) *Turismo e Práticas Socioespaciais: Múltiplas abordagens e Interdisciplinaridades*. 1 ed., Editora da UFPE, Recife. 334p.
- Newsome, D; Dowling, R. 2006. The scope and nature of geotourism. In: Dowling, R e Newsome, D.(edits.) *Geotourism*. Elsevier Butterworth Heinemann, Oxford. 260 p.

- Page, K. 1999. *Sites and their uses. Geoconservation in Devon: South West England, UK.* In: Barretino, D; Vallejo, M; Gallego, E (eds). *Towards the balanced management and Conservation of the geological heritage in the new millenium.* Sociedad Geológica de España, Madrid. 459 p.
- Pereira, J.M; Brilha, J. 2005. Geological Heritage and sustainable development in Santiago Island (Cape Verde). In: International Symposium PROGEO, 4, Braga, Portugal, *Abstracts.* 117.
- Pförr, C; Megerle, A. 2006. Geotourism: a perspective from southwest Germany. In: Dowling, R e Newsome, D. (edits.) *Geotourism.* Elsevier Butterworth Heinemann, Oxford. 260 p.
- Reimold, W. U; Whitfield, G; Wallmach, T. 2006. Geotourism potential of Southern Africa. In: Dowling, R e Newsome, D. (edits.) *Geotourism.* Elsevier Butterworth Heinemann, Oxford. 260 p.
- Robinson, A. M.; Roots, D. 2008. Marketing Geotourism Sustainably. In: Inaugural Global Geotourism Conference, 1, Fremantle, Austrália. *Conference Proceedings.* P. 303-317. 2008.
- Schutte, I. 2004. Geoconservation and geoparks in South Africa. *The Geological Society of SA.* 47:21-23.
- Skovitina, T; Shchetnikov, A; Sizov, A. 2005. Representative natural sites for development of geotourism in the Baikal region. In: International Symposium PROGEO, 4, Braga, Portugal, *Abstracts.* 27.
- Skridlaite, G; Guobyte, R; Snarskiene, D; Cepikas, R. 2005. From Geosite to Geopark: Grazute Regional Park in Notrtheastern Lithuania. In: International Symposium PROGEO, 4, Braga, Portugal, *Abstracts.* 56.
- Silva, J; Gomes, C. 2005. The role of Cape Girão in the geotourism development of Madeira. In: International Symposium PROGEO, 4, Braga, Portugal, *Abstracts.* 62.
- Silva, S.M.P. 2004. Turismo geológico: uma modalidade de turismo com significativo potencial contributivo na implementação do turismo sertanejo nordestino. In: I Simpósio de Turismo Sertanejo, 1, *Anais.*
- Silva, J. C. R; Araujo, W. C. 1987. Geografia turística do Nordeste. Recife: SUDENE/ DPS.
- Stueve, A.M.; Cooks, S. D; Drew, D. 2002. *The Geotourism Study: Phase I – Executive Summary.* Washington: Travel Industry Association of America. 22 p.
- Tongkul, F. 2006. Geotourism in Malaysian Borneo. In: Dowling, R e Newsome, D. (edits.) *Geotourism.* Elsevier Butterworth Heinemann, Oxford. 260 p.
- Zouros, N; Labaki, O. 2005. Geoconservation, promotion and management of geosites on Lesvos Island, Greece: The Lesvos Petrified Forest Geopark. In: International Symposium PROGEO, 4, Braga, Portugal, *Abstracts.* 52.

---

**Fluxo editorial:**

Recebido em: 29.10.2009

Enviado para avaliação em: 29.10.2009

Enviado para correção aos autores em: 08.12.2009

Aprovado em: 08.06.2010



A revista *Turismo e Paisagens Cársticas* é uma publicação da Seção de Espeleoturismo da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SeTur/SBE). Para submissão de artigos ou consulta aos já publicados visite:

[www.sbe.com.br/turismo.asp](http://www.sbe.com.br/turismo.asp)

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no VI Seminário Anual da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, em 2009, posteriormente revisado para publicação na revista.